

Recensões

J a c i n t a A n i c a

A QUINTA ESSÊNCIA

Guimarães Editores / 374 páginas / 1999

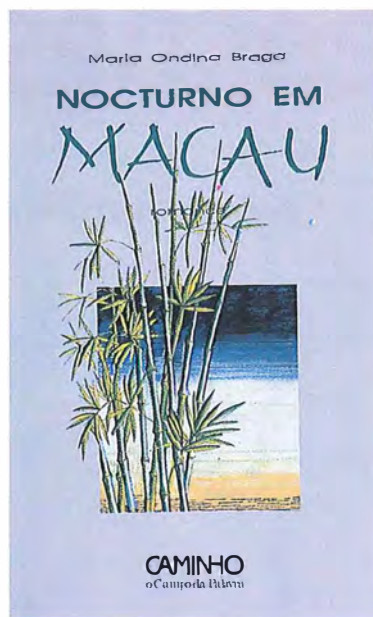
Ao fim de mais de meio século a escrever, Agustina traz-nos uma história que tem tanto de interessante como de actual, situando-nos entre Portugal e Macau, numa enredada teia de charadas não resolvidas e vidas não vividas.

Com uma visão definida por uma laboriosa descoberta do ser e do estar no mundo, problema Heideggeriano da revelação fenomenológica do ser no tempo, ou seja, o essencial problema do conhecimento do humano nas suas múltiplas formas temporais, a autora atravessa por um lado, os últimos trinta anos da vida nacional personificada numa sinuosa trama romanesca familiar de um rico agregado nortenho, espaço privilegiado de conflitos, e por outro a História da presença Portuguesa em Macau, num estilo complexo de elaboração efabulatória por meio de uma linguagem ao mesmo tempo analítica e expressionista, tendo por mote a vivência do personagem central.



Num saltar de parágrafo ou num virar de página, vemo-nos recuar no tempo ou avançar na trama, tudo isto numa atmosfera rodeada pelo intenso perfume do Oriente, com seus mitos e lendas, seus ritos e crenças, seus costumes e tradições.

Ao mesmo tempo a mais Portuguesa e a mais Universal das narrativas, tendo a cultura como essencial elemento de reflexão sobre a lusitana realidade e sua relação com o mundo, onde o tempo é chamado a primeiro plano para revelar os factores de corrupção e de evolução dessa mesma relação, é acima de tudo uma parábola sobre a quintessencial busca do inefável na sua dimensão mais trágica (e não dramática, note-se) e humana.



Nocturno em Macau

Caminho / 216 páginas / 1993 (2ª edição)

Não se situando dentro das tendências gerais da ficção portuguesa, Maria Ondina Braga trouxe uma certa experiência extra-europeia, seguramente alicerçada nos anos de magistério em Angola, em Goa, em Pequim, e, claro, em Macau, quer nos seus temas e ambientes, quer num diferente e subtil cultivar do pormenor interior, por meio de uma linguagem poética da fixação do que quotidianamente se vive.

A sensação que perpassa é que se fala de algo que já não há, melhor, de algo que apenas existiu na mente da autora, como um labiríntico sonho, impressiva viagem interior por entre as madrugadas sussurrantes de bambus e papel-de-arroz.

O mundo das escolas e suas professoras como fio condutor a desfiar, levando-nos, com certa saudade, pelas ruas e os locais de Macau, encruzilhada de raças e culturas, fazendo-nos ver através de femininos olhos, o alumbramento

de uma não chinesa a viver suas paixões, suas amizades, seus medos, seus devaneios.

Melancólico como uma melodia de piano, inteligente e trabalhado como uma liturgia de afectos, este livro, honroso vencedor do prémio Eça de Queirós, transporta-nos para o Oriente de que normalmente não se fala, o humano e sentido Oriente que enfeitiça quem por lá passa, com sua sabedoria, com sua diferença, com seu perfume, com sua poesia.

O DRAGÃO DE FUMO

Edições Asa / 316 páginas / 1998

A paixão e a dúvida são, essencialmente, os sentimentos que atravessam esta história, assente numa construção estruturalmente simples e de ritmo linear.

Universo difícil e de difusos contornos, Macau é, realmente, sobretudo hoje, um dragão de fumo, mítica paragem na história Portuguesa,



porta de entrada para um Oriente com quem sempre convivemos mas que nunca fomos capazes de entender, cuja mordedura fica, marca cultural e sensorial.

O autor, ainda que nos avise nas primeiras páginas da edição para o reconhecido facto de tudo ser fruto de trabalho ficcional, acaba por se enredar no torvelinho saudosista de quem já passou por aquelas paragens. Ao contrário do que sucede com a maioria das paixões, por natureza instáveis, esta ainda dura, e isso reflecte-se bem na elaboração das vivências, pessoais e profissionais, dos personagens.

Contudo, esta é também uma trama carregada de dúvidas. Dúvidas justificadas quando se aproxima velozmente a altura da transição de poderes para a China, e sobretudo, dúvidas sobre como se está tratando, e como se vai tratar de futuro, a problemática do crime organizado que enxameia Macau.

A paixão de João Aguiar não será, seguramente, a que o seu Adriano viveu com uma Oriental num passado distante, tampouco é a da filha deste, envolvida num caso de polícia, é, isso sim, o amor Português de quem viu a Gruta de Camões e o rio das Pérolas, a fachada da igreja de São Paulo e o altar a Kun Iam, e quer continuar a lembrar essa estranha identidade Macaense, enquanto ela ainda está intacta, mas trata-se de uma paixão intranquila, que vive a dúvida do amanhã, pois o amanhã pode trazer o desaparecimento desse universo único.

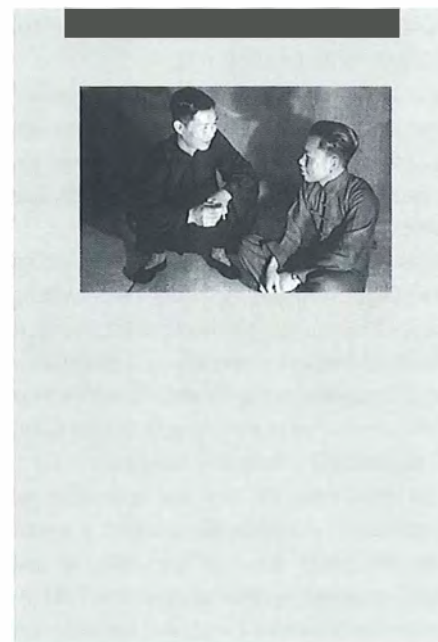
Maria do Céu Carvalho

MACAU...BYE, BYE!

Caminho / 127 páginas / 1999

Este romance policial, com um ritmo vivo e de fácil imagética, numa escrita prática e divertida, é singularmente português.

Uma visão objectiva, lúcida, interessada, sobre um Macau que é pouco retratado. O Macau do crime organizado e da violência,



dos rituais ancestrais e da cultura Oriental, da economia do jogo e do turismo, das gentes que não querem agora ser chinesas, habituadas a viver com a sua miscigenada liberdade.

O herói costumeiro nas histórias da autora, tão machista e alcoolizado, tão charmoso e atlético, tão desenrascado e vivo, como qualquer herói americano, aparece aqui em grande estilo, envolvido numa complexa trama criminoso familiar ao tentar resgatar uma criança raptada.

Manual estilizado e anti-lírico para o turista que se preze, para o aprendiz de detective, e para o iniciante nas lides da escrita policial.

Um livro despretenso e inesperado, que merece a devida atenção, pois neste fim de século este é, possivelmente, o verdadeiro ambiente de Macau.

FOLHAS CAÍDAS

Gradiva / 280 páginas / 1999 (edição portuguesa), 1997 (edição língua inglesa)

Um século de história da China, um século da história de uma família.

Em trinta e dois passos, a autora relata, na primeira pessoa, as amargas memórias que carrega, num acutilante retrato que bem pode ser apelidado de moderna versão da Gata Borralheira.

Menina rica e bem-educada, filha de um bem sucedido homem de negócios, Adeline sofreu na pele a mais impiedosa perseguição por parte da sua Madrasta, resistindo à maldade, à malícia, à humilhação à crueldade emocional, revelando sempre uma resistência comovedora.

No turbulento cenário histórico-social da China do nosso século, um ser humano, que apenas procurou a aceitação, o amor, e a compreensão, por parte dos que lhe estavam mais próximos, sempre recebeu a animosidade e a violência como resposta. Poderoso drama psico-



lógico, construído laboriosamente, ritmado pela emoção mais íntima.

Um livro que representa aquilo que todos os escritores procuram, a revelação dos sentimentos humanos mais profundos e genuínos por meio de uma urdida trama familiar, repleta de personagens profundamente representativos dos valores sócio-morais, num estilo inteligentemente delineado, contudo...

Contudo, este livro fala de uma vivência humana bem real, tão duramente real que por vezes nos faz pôr em causa as razões que nos levam a considerar o núcleo familiar como a base da sociedade, e, acima de tudo, representa o finalizar de um ciclo, o cicatrizar de uma ferida.

Tal como as folhas que caem regressam às suas raízes, também foi essencial para a autora o relembrar de tudo, para serenamente poder viver em paz com a vida e consigo mesma.

O género autobiográfico no seu melhor.